

O PRIMEIRO BRASILEIRO NA LUA

Rubens de Azevedo
da UBA e da SBAA

A partir de 1610, quando Galileu apontou para o céu o primeiro telescópio astronômico, a Lua começou a ser estudada e teve início a cartografia lunar. O primeiro astrônomo a realizar um mapa da Lua foi Miguel Florent Van Langreen, mais conhecido pelo nome latinizado de Langrenus, o qual, em 1645, batizou os acidentes lunares com nomes poéticos tais como: Terra da Sabedoria, Terra da Paz, Mar dos Astrônomos, etc.

O alemão Hovel, mais conhecido como Hevelius, foi o seguinte a desenhar o mapa da Lua, aduzindo outros nomes, retirados da geografia terrestre: Sicília, Propôntido, Adriático, Ponto Euxino; montes Sinai e Etna, etc. Seu mapa já dava com relativa exatidão a altura de algumas montanhas lunares.

Em 1651, o astrônomo jesuíta Riccioli, de Bolonha, publicou um mapa da Lua, onde incluiu nomes de filósofos antigos, santos da Igreja e seus colegas da Companhia de Jesus. Aos "mares", deu nomes como Mare Tranquillitatis, Mare Humorum, Mare Serenitatis, Mare Foecunditatis, Mare Imbrium, Oceanus Procellarum, etc. Incluiu lagos e pântanos: Lac Mortis, Lacus Somniorum, Palus Putredinis, Sinus Roris e Iridum e outros.

Em 1860, Jean Dominique Cassini, primeiro diretor do Observatório de Paris, desenhou uma carta muito precisa, mantendo os nomes dados por Hevelius e Riccioli; Jean de la Hire foi o seguinte, realizando um mapa gigantesco, com quatro metros de diâmetro. Outros selenógrafos desenharam mapas da Lua, entre os quais, Julius Schmidt, Herschel, Schroeter, Lohermann, Gruithuisen, Beer e Madler. Um dos últimos grandes selenógrafos, foi H. P. Wilkins, engenheiro inglês que realizou uma carta lunar de sete metros de diâmetro, que é considerado o mais perfeito. Hoje as cartas lunares são absolutamente exatas, muito mais perfeitas que aquelas realizadas da própria Terra. Foram cartografados minuciosamente os dois lados: a face anterior e a posterior (sempre invisível da Terra).

Todos os acidentes lunares estão batizados com nomes terrestres nas montanhas - Apênninos, Caucaso, Alpes, Taurus, Atlas, Cordilleras; os mares, oceanos, lagos, pântanos, golfos e baías apresentam os mesmos nomes dados pelos antigos. Alguns foram incluídos na face invisível, sempre seguindo a tradição: Mare Ingenii, Mare Moscoviense, bem como acidentes orográficos: Vallis Planck, Vallis Schrodinger, Rima Flammarion, além de acidentes "comemorativos": Planitia Descensus e Sinus Lunicus. É enorme a quantidade de novos nomes dados tanto às crateras do lado visível, tanto quanto às do lado oculto: Cyrano, D'Alembert, Edison, Gagarin, Gamow, Feokotístov, Fermi, Maxwell, Einstein, Galois, Joule, Papaléwski, Champollion, Leuwenhoeck, Avogadro, Cantor, Milikan, etc. Vemos que foram homenageados homens de todas as raças, de todos os povos, dedicados aos mais diversos misteres. A Lua é um repositório da gratidão àqueles que elevaram bem alto o nome da espécie humana. Nos pólos lunares estão os nomes daqueles que conquistaram os pólos da Terra: Roald Amundsen, Peary,

Mas, o que nos interessa de perto, a nós brasileiros, é o fato de que figura agora, na Nova Carta Lunar Internacional, o nome de um brasileiro - o primeiro brasileiro na Lua. Todos os países já haviam sido representados - só faltava o Brasil. E eis que o nome escolhido foi-o com a maior justiça. Trata-se do grande inventor e cientista brasileiro Santos Dumont, o Pai da Aviação!

Aquele " Que deu Asas ao Homem" é reverenciado internacionalmente e isso nos envaidece, nos conforta e até mesmo nos vinga, pois, como todos sabem, o nome de Santos Dumont sempre foi omitido pelos norteamericanos, que sempre teimaram em dar aos irmãos Wright a primazia da invenção do avião.

Érico Veríssimo nos conta, nas páginas de "Gato Preto em Campo de Neve" que, ao visitar o Museu Americano de Aeronáutica, lá encontrou inventores ligados à aviação oriundos de todos os países. Até mesmo uma folha seca de palmeira com a qual um pobre canaca da Polinésia tentara voar; lá estava, testemunhando o esforço do homem na conquista do ar. Mas de Santos Dumont, nem um vestígio. Nem uma menção, muito embora os feitos do grande brasileiro estejam ao alcance de todos, gravados em fita cinematográfica - seus vôos, suas vitórias. Nos livros norteamericanos traduzidos no Brasil o nome de Santos Dumont só aparece em adendos feitos aqui mesmo pela revolta ou piedade do tradutor...

Agora, faz-se justiça, através da União Internacional de Astronomia, apondo-se, para a eternidade, entre os nomes dos grandes homens que construíram a civilização, o numo nunca demais exaltado de Alberto Santos Dumont, o legítimo Pai da Aviação.

Nasceu Santos Dumont em Cabangu, MG, filho do engenheiro Henrique Dumont e dona Francisca dos Santos Dumont. Ainda menino, mudou-se com a família para Ribeirão Preto, SP, onde decorreu a sua meninice. Era infatigável leitor dos livros de Jules Verne, que o inclinaram para a Ciência. Em 1888, assistiu, em São Paulo, a uma ascensão de aeróstato. Sua idéia de que o homem poderia voar foi tomando corpo. Numa viagem a Paris, acompanhando os pais, viu, pela primeira vez, um motor a combustão interna e ficou fascinado. Tinha 17 anos e resolveu ficar na capital francesa, tendo sido apoiado pelo pai. Passou a residir em Paris e dedicou-se à fabricação de balões. Mandou construir, segundo desenho próprio, o primeiro balão: " O meu primeiro balão, o menor, o mais lindo, o único que teve um nome - Brasil! ". Todos duvidaram que o balão se elevasse, mas ele subiu galhardamente.

A partir de então, dedicou-se de corpo e alma à navegação aérea. No Balão nº 1, em 20 de setembro de 1898, subiu 400 metros, evoluiu e voltou ao ponto de partida. Aplicando o motor de explosão ao aeróstato, conseguiu dirigir sua nave, estabelecendo, pela primeira vez no mundo, o princípio da dirigibilidade dos balões.

Na histórica tarde de 12 de julho de 1901, conquistou o Prêmio Deutsch de la Meurthe, que estipulava a quantia de 100.00 francos para quem, contornando a Torre de Biffel, voltasse ao ponto de partida em meia hora. O feito correu toda a Europa, tornando-o famoso. O exército francês convidou-o a tomar parte na famosa parada de 14 de julho de 1903. Pela primeira vez, um balão acompanhou uma parada militar.

Santos Dumont construiu dezenas de balões e tornou-se o maior aeronauta do mundo. Mas isso não lhe bastava. Queria descobrir todos os segredos do ar e, a 23 de outubro de 1906, realizava a mais extraordinária façanha da aeronáutica mundial: elevava-se aos céus num aparelho mais pesado do que o ar! Inventara o avião. No seu 14-Bis, subiu pelos ares com o uso exclusivo dos recursos do próprio aparelho. O fato foi amplamente noticiado pela imprensa europeia, que se desmanchou em elogios ao Pai da Aviação. Louis Blériot, herói da primeira travessia aérea do Canal da Mancha, escreveu: "Por causa dele, Paris viveu, naquele dia, instantes heróicos, febricitantes, de espírito, e de uma emoção comparável às das maiores jornadas da aviação".

No dia 10 de novembro do mesmo ano, o Aero Clube de França ofereceu-lhe um banquete no qual foram oradores Ernest Archdeacon e Caillette, que o saudaram como "o primeiro homem a realizar o vôo mecânico".

A vida de Santos Dumont foi um exemplo. Homem dedicado ao estudo e ao trabalho e, conseqüentemente ao bem da Humanidade, repugnava-lhe o jogo, "que dissolve o caráter", o fumo, o militarismo, os clubes de caça e pesca, os esportes violentos. Não usava de linguagem violenta e, como temperamento, era um misto de arrojo e timidez.

A guerra de 1914, com a sua brutalidade inominável foi uma das causas da doença que o levou à morte, ao ver o avião empregado como a mais mortífera das armas. Seu organismo combatido não resistiu e ele voltou para o Brasil precocemente embebecido pela enfermidade e pelo desgosto.

A revolução constitucionalista de 1932 acabou por minar suas últimas energias: agora o avião estava aqui, na sua terra, utilizado para matar os próprios irmãos de sangue numa carnificina que ele não poderia nunca compreender. O aeroplano, que ele inventara, prevendo para ele uma missão de paz e de concórdia, é, agora, uma arma impiedosa. Santos Dumont não resiste. E a 23 de julho de 1932 fecha os olhos para sempre.

Foram mundiais as manifestações de pesar - porque o luto era, também, mundial.

EM TEMPO: Por uma feliz e extraordinária coincidência, a descida, na Lua, do primeiro astronauta - Néil Armstrong ocorreu no dia 20 de julho de 1969. Vinte de julho! Aniversário de Santos Dumont. Foi no dia 20 de julho que o grande brasileiro nasceu, exatamente 96 anos antes que o homem, num "pequeno passo" para ele e "num gigantesco passo para a Humanidade" pisasse a face crestada da loira Hécate...

L I V R O S

Temos em mãos um belo livro que fará a delícia dos interessados em Astronomia - notadamente os amadores. Trata-se de O ENIGMA DO COSMO, de S. Groueff e J.P. Cartier, publicado por Raymond Cartier, famoso jornalista científico francês. O livro, em grande formato, é profuso e ricamente ilustrado, com gravuras antigas e reproduções de quadros de pintores famosos relativos à Astronomia. A linguagem, jornalística embora, não sai da correção na exposição dos fatos e leva o leitor a uma compreensão exata dos fenômenos descritos. Em quase 400 páginas, percorremos toda a saga humana na procura de desvendar os segredos do firmamento. Vale a pena iniciar a leitura desse livro que é, acima de tudo um romance fascinante da Ciência do Céu, e onde os astrônomos aparecem vivos e vibrantes, ressuscitados pela magia da palavra e da figura. Recomendamos vivamente este livro aos astrônomos brasileiros, que nele encontrarão muitas informações, sobretudo de fundo cultural e que raramente se encontram em livros de divulgação.

O livro foi publicado pela Editora Primor Ltda. em 1978, Rua do Bispo, Rio Comprido, 20.061, Rio de Janeiro.

Anuário Astronômico de Ronaldo Rogério de Freitas Mourão - 1982. Ainda é tempo de adquirir essa excelente obra, que pode ser solicitada ao Autor, no Observatório Nacional do Rio de Janeiro. Pedidos para o endereço: Rua General Bruce, 586, CEP 20 921, RIO DE JANEIRO.